

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE

CURSO DE PEDAGOGIA

MARIANA RONCHI

**O TRABALHO DO PROFESSOR DOS ANOS INICIAIS DIANTE DAS
CARACTERÍSTICAS DO ALUNO COM TRANSTORNO DE DÉFICIT
DE ATENÇÃO/HIPERATIVIDADE – TDAH**

CRICIÚMA, DEZEMBRO DE 2010.

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE

CURSO DE PEDAGOGIA

MARIANA RONCHI

**O TRABALHO DO PROFESSOR DOS ANOS INICIAIS DIANTE DAS
CARACTERÍSTICAS DO ALUNO COM TRANSTORNO DE DÉFICIT
DE ATENÇÃO/HIPERATIVIDADE – TDAH**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Licenciado no curso de Pedagogia da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof^a Julia Hélio Lino Clasen

CRICIÚMA, DEZEMBRO DE 2010.

MARIANA RONCHI

**O TRABALHO DO PROFESSOR DOS ANOS INICIAIS DIANTE DAS
CARACTERÍSTICAS DO ALUNO COM TRANSTORNO DE DÉFICIT DE
ATENÇÃO/HIPERATIVIDADE – TDAH**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciado, no Curso de Pedagogia da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação e Prática Pedagógica.

Criciúma, 08 de Dezembro de 2010.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Julia Hélio Lino Clasen – Especialista – UNESC – Orientadora

Prof^a Albertina Serafim Daminelli – Especialista – UNESC

Prof. Everson Ney Hüttner Castro – Especialista – UNESC

Dedico aos meus amigos que nasceram pela Fé e serão para sempre, se Deus quiser. Karina e Maira vocês serão para sempre uma parte de mim. Antonio Augusto e Morgana obrigada por serem anjos em todos os momentos da minha vida e aos meus pais que são as batidas do meu coração.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus e seu filho Salvador Jesus Cristo, pois mesmo que minha fé seja comparada a um grão de mostarda (Mt. 17,20), eles me fizeram vencer. Meu estimado agradecimento a Professora Julia por sua atenção, dedicando seu conhecimento em meu auxílio.

“A criança hiperativa sofre consequências sociais, a começar pelos amigos que a discriminam por se sentirem incomodados devido a seu comportamento.”

(FABRIS, 2003, p.)

RESUMO

O presente trabalho apresenta uma pesquisa sobre Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH), priorizando suas características no espaço escolar. Apesar de toda a polêmica e das incertezas com diagnósticos, tratamentos e vivência social que o revestem, o TDAH apresenta-se como um diagnóstico privilegiado, que justifica e nomeia os problemas atuais da escola, tais como o fracasso escolar, os desvios de comportamentos... É um transtorno que apresenta inúmeras dificuldades, tais como: controle dos impulsos, inibição do comportamento, organização, planejamento para o futuro e outras. Com a problemática: como superar os desafios encontrados pelos professores de alunos com Transtorno e Déficit de Atenção/Hiperatividade nos anos iniciais do ensino fundamental? E com o objetivo maior de analisar os desafios encontrados pelos professores de alunos com Transtorno e Déficit de Atenção/Hiperatividade nos anos iniciais do ensino fundamental. Este trabalho consta de pesquisa bibliográfica sobre características, causas, consequências, processo ensino aprendizagem e uma pesquisa qualitativa e exploratório-descritiva, baseada em observação de alunos e questionário com professores. Posteriormente analisando-os baseada no referencial teórico, sendo que relaciona e demonstra qual o grau de conhecimento dos profissionais da educação referente ao assunto. Nos resultados da pesquisa, observou-se, que muito foi feito pelos alunos com TDAH, porém algumas metodologias consideradas significativas ainda não são efetuadas nas escolas. Por esse motivo, essa pesquisa traz contribuições para o trabalho pedagógico do professor, que por muitas vezes, é desafiador com relação ao aluno hiperativo, tornando-se difícil. A conclusão propõe a busca da superação do senso comum sobre esse transtorno e maior disponibilidade dos professores e da própria escola em busca de novos saberes e fazeres, sendo essa a saída mais viável para a construção de uma resposta educacional ao TDAH.

Palavras-chave: TDAH. Trabalho Pedagógico. Professor/Aluno.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

TDAH – Transtorno Déficit de Atenção/Hiperatividade

ABDA – Associação Brasileira de Déficit de Atenção

DSM- Manual Diagnóstico e Estatístico de Desordens Mentais (*Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 TDAH: SUPERANDO O SENSO COMUM, CONHECENDO O TRANSTORNO E COMPREENDENDO O ALUNO	11
3 TDAH NO AMBIENTE ESCOLAR: A ATUAÇÃO PEDAGÓGICA DO PROFESSOR NA MEDIAÇÃO DO CONHECIMENTO.....	18
4 METODOLOGIA, APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	26
5 CONCLUSÃO	36
REFERÊNCIAS.....	36
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO AOS PROFESSORES.....	40
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO	44

1 INTRODUÇÃO

Os professores em sala de aula estão sujeitos as dificuldades que aparecem no seu fazer pedagógico, considerando isso, surge a necessidade de tratar de uma dificuldade em especial, o Transtorno Déficit de Atenção e Hiperatividade – TDAH.

O TDAH está cada vez mais presente no dia a dia do professor, pois o que antes era considerado teimosia, inquietude ou “arte” por parte das crianças, agora é conhecido como um transtorno no comportamento e, muitas vezes, no desenvolvimento de várias crianças. Esse e outros motivos me aguçaram o interesse à pesquisar sobre o assunto, uma vez que, muitos professores o desconhecem.

Pesquisas sobre o tema foram realizadas por acadêmicas do curso de Pedagogia da UNESC, dos quais posso citar: “Possibilidades e limites para o trabalho pedagógico de sala de aula com portador de TDAH”, de Andréia Marcomim Leopoldo Milanez (2006). “Hiperatividade na escola: Problema ou compreensão insuficiente sobre o tema”, de Andréia de Lima Souza Campos (2008).

As crianças com TDAH, em geral são inquietas, acarretando na maioria das vezes, a agitação da turma e, visivelmente a dificuldade e falta de conhecimento do professor em trabalhar com a situação. Esse comportamento do estudante fragmenta o fazer pedagógico e metodológico do professor com a turma.

Levando em consideração tais atitudes, procura-se superação para melhorar a relação entre professor e aluno hiperativo, a fim de oportunizar maior aprendizado e desenvolvimento para ambos.

Diante disso, se propõe pesquisar a seguinte problemática: como superar os desafios encontrados pelos professores de alunos com Transtorno e Déficit de Atenção/Hiperatividade nos anos iniciais do ensino fundamental?

Essa pesquisa, porém, irá tratar, especificadamente, das características dos alunos com TDAH, enfatizando subsídios e metodologias significativas para o uso do professor em seu trabalho pedagógico junto ao aluno hiperativo. Objetivando analisar os desafios encontrados pelos professores de alunos com Transtorno e Déficit de Atenção/Hiperatividade nos anos iniciais do ensino fundamental para que contribua no seu trabalho pedagógico.

Questões norteadoras: O que os professores conhecem sobre o assunto?

Como agem diante de possíveis casos? Quais as situações mais difíceis vivenciadas pelos professores em relação aos alunos com o transtorno? Os professores adotam metodologias diferenciadas para estes alunos? Quais? Quais as metodologias que vem sendo estudadas pelos autores e indicadas nestes casos? Quais os procedimentos adequados que os professores devem adotar em relação a estes estudantes?

A partir da problemática e das questões norteadoras elenca-se os seguintes objetivos: Identificar os desafios encontrados pelos professores de alunos com TDAH nos primeiros anos do ensino fundamental; Perceber como superar os desafios encontrados; Conhecer o que os professores sabem sobre o assunto; Analisar as situações mais difíceis vivenciadas pelo professores de alunos com TDAH; Relatar as metodologias diferenciadas utilizadas pelos professores dos alunos com o transtorno; Colaborar com o trabalho pedagógico do professor, apontando novas metodologias a serem efetuadas com alunos hiperativos.

Este estudo foi realizado em uma escola particular de Forquilha, e envolverá professores dos primeiros anos do ensino fundamental que tenham alunos diagnosticados com TDAH.

Esse estudo esteve vinculado a Linha de Pesquisa Teoria e Prática Pedagógica, mais precisamente ao eixo do Processo ensino aprendizagem.

O trabalho foi dividido em dois capítulos, após a introdução apresenta-se o TDAH: superando o senso comum, conhecendo o transtorno e compreendendo o aluno, em que define-se o transtorno segundo os autores pesquisados, descreve-se possíveis causas, algumas consequências no convívio social da criança com TDAH e medidas sobre o diagnóstico desse transtorno.

Na sequência o TDAH no ambiente escolar: a atuação pedagógica do professor na mediação do conhecimento. Neste capítulo relata-se como normalmente os professores reagem as principais influências do transtorno na vida acadêmica; o papel da escola em relação a esse aluno e sugestões de metodologias e ações para o trabalho pedagógico do professores com alunos hiperativos.

Após o referencial teórico apresenta-se a metodologia, seguida da análise de dados acerca das respostas obtidas por meio do questionário e as informações coletadas nas observações, sendo analisados a luz do referencial teórico. E, por último tem-se a conclusão, referências e apêndices.

2 TDAH: SUPERANDO O SENSO COMUM, CONHECENDO O TRANSTORNO E COMPREENDENDO O ALUNO

O Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) é um transtorno neurobiológico, de causas genéticas, que aparece na infância e frequentemente acompanha o indivíduo por toda a sua vida. Ele se caracteriza por sintomas de desatenção, inquietude e impulsividade. (ABDA, 2010). Normalmente prejudicam o desempenho da pessoa na vida familiar, na vida social, na vida pessoal, no trabalho e nos estudos.

O Transtorno Déficit de Atenção e Hiperatividade – TDAH com Transtornos de Aprendizagem é uma comorbidade que ainda traz controvérsias. Seus índices de prevalência são extremamente variados, dependendo dos critérios, dos métodos e dos diversos tipos de transtornos abrangidos sob a epígrafe geral de Transtornos de Aprendizagem. Parece estar mais presente no tipo predominantemente desatento e traz um comprometimento no funcionamento geral, significativamente maior, do que o TDAH sozinho. Compreende-se que o desempenho neurocognitivo está visivelmente comprometido em crianças e adolescentes.

Atualmente, muito se ouve falar em hiperatividade, a qual é um transtorno que acontece com crianças e adolescentes e é diagnosticada com maior frequência quando os mesmos estão em fase escolar.

Para Rohde e Benczick (1999, p. 37), TDAH é um problema de saúde mental caracterizada por desatenção, agitação e impulsividade. “Esse transtorno tem um grande impacto na vida da criança ou do adolescente e das pessoas com as quais convive (amigos, pais e professores)”.

Segundo Cypel (2003, p. 13), “crianças hiperativas e desatentas sempre existiram na humanidade sem que constituíssem um grupo reconhecido como apresentando alterações no comportamento.” O autor relata que talvez esse comportamento tenha sido limitado ou contido devido aos “severos regimes escolares”.

Essa afirmação nos leva a pensar, e talvez entender, o quanto é importante o diagnóstico e o tratamento desse transtorno, uma vez que em tempos reais está chamando a atenção de médicos e especialistas, o que não acontecia

anteriormente, relatando a intensidade dos casos.

Cypel (2003) afirma ainda, que a hiperatividade pode ser notada no bebe que chora muito e é inquieto. Essa atitude agrava-se quando a criança cresce e começa a se por em risco e em situações de perigo. Essas crianças segundo ele podem passar em fração de segundos, da intenção a ação.

Para Fabris (2003, p. 13), “a hiperatividade é um desvio comportamental, caracterizado pela excessiva mudança de atitude e de atividade, acarretando pouca consistência em cada tarefa a ser realizada”. Existe uma mudança de comportamento que influencia na capacidade da criança de permanecer quieto pelo tempo necessário para a realização das atividades comuns do dia a dia.

O TDAH é identificado, na maioria das vezes, primeiramente durante a idade escolar, pelas alterações de comportamento da criança por consequência do transtorno, como a perda de atenção e sua difícil ou complicada relação com os colegas em sala de aula. O TDAH costuma gerar enorme angústia para os pais e para as crianças. Crianças e adolescentes diagnosticados com TDAH são rotineiramente taxados de “problemáticos”, “indisciplinados” ou, até mesmo, “pouco inteligentes” (ABDA, 2010).

O TDAH é um transtorno de desenvolvimento do autocontrole que consiste em problemas com os períodos de atenção, os controles de impulsos e o nível de atividade. Não há certeza científica, mas é provável que seja transmitido de forma genética, caracterizando-se por um desequilíbrio das substâncias químicas do cérebro, ou neurotransmissores reguladores da conduta. É esse desequilíbrio bioquímico que impediria crianças de focar a atenção numa determinada tarefa, fazendo com que prestem igual atenção a todos os estímulos do ambiente, inclusive àqueles que não são úteis, como por exemplo, um lápis que cai ao chão, uma cadeira ou carteira que se arrasta, uma buzina ou conversas na rua, as cores das roupas dos colegas etc., fatos que as impedem de manter a concentração e resolver a tarefa que lhes está sendo solicitada. (ABDA, 2010, p. 01).

De acordo com Abuchaim (2005), o TDAH é um problema mais comumente visto em crianças e se baseiam nos sintomas de desatenção (pessoas muito distraída) e hiperatividade (pessoa muito ativa, por vezes agitada bem além do comum), tais aspectos são normalmente encontrados em pessoas sem o problema, mas para haver o diagnóstico desse transtorno a falta de atenção e a hiperatividade devem interferir significativamente na vida e no desenvolvimento normal da criança.

Essas características influenciam diretamente no convívio social das crianças, visto que ultrapassam os limites da inquietude e agitação percebidos em

outras crianças. As crianças com TDAH dificilmente conseguem adaptar-se aos colegas de sala, em virtude de sua impaciência.

Benczik (2000) define o TDAH, como um transtorno de desenvolvimento do autocontrole que consiste em problemas com os períodos de atenção com o controle do impulso e com o nível de atividade.

Conforme o autor acima citado, algumas atividades exigem maior atenção das crianças com o transtorno, como a rotina de horários e as atividades em sala de aula. Nesses momentos, agindo com impulsividade acarretam olhares diferentes, muitas vezes, acabam mal vistos pelos colegas e professores.

Para Topczewski (1999) a hiperatividade é um desvio comportamental, e esse comportamento se mostra incompatível com o padrão de organização de todo o ambiente.

Com isso, crianças com TDAH não se adaptam em determinados ambientes que esperem dela uma boa conduta, longo tempo sentada, palestras ou grandes explicações. A escola é um destes lugares, por isso no espaço escolar são conhecidos como inconvenientes.

Para DuPaul e Stoner (2007, p. 13) não existe uma única causa para o TDAH. Dizem ainda que é o resultado de vários “mecanismos causais”. Por isso, pelas pesquisas os fatores neurobiológicos e as influencias hereditárias vem recebendo mais atenção. “As evidências mais promissoras apontam para a influência hereditária que pode alterar o funcionamento cerebral (isto é, funcionamento neuroquímico) particularmente no sistema estriatal frontal”.

Rohde e Benczik (1999, p. 42) propõem que o TDAH “tem que ser visto muito mais como um transtorno de adaptação do que como uma doença estática”.

Diz Cypel (2003) que normalmente, a criança hiperativa não consegue controlar seu comportamento a despeito de sua inteligência. Sua tendência é ater-se a circunstâncias secundárias frente a uma explicação que está sendo dada pelo professor, geralmente, está envolvida numa atividade mais improdutiva durante a aula. O comportamento da criança hiperativa é não-reativo às intervenções normais do professor. O que poderá ser interpretado como desobediência e conduz a uma cobrança mais rígida do professor. Esta situação agrava o problema aumentando a frustração do professor e da criança, podendo levar a utilização de instrumentos punitivos e o convite para mudança de escola.

Barkley (2002, apud ROHDE; BENCZIK, 1999) defende a teoria de que o

TDAH é caracterizado por um déficit básico no comportamento inibitório. Isso nos leva a considerar o que acontece com as crianças com esse transtorno, que não se inibem em frente a novas pessoas e/ou ambientes, bem como não respeitam os limites esperados. Por esse motivo ainda leva-se muito tempo para que pais e professores, muitas vezes, mal informados percebam o transtorno em uma criança. Muitos ainda esperam que tenha uma causa própria, uma justificativa visível. É importante nesse momento que estejam atentos aos sintomas do TDAH.

Para Cypel (2003) o hiperativo apresenta dificuldades de atenção, concentração e impulsividade. Os sintomas de hiperatividade podem ser muito ou pouco pronunciados. Desta forma, torna-se difícil para um leigo diferenciar uma criança agitada de uma hiperativa.

Há momentos que não se percebe a hiperatividade em uma criança, como por exemplo, quando está praticando esporte, ou outras atividades em movimento. No período de férias “a hiperatividade se mostra muito menos acentuada.” (FABRIS, 2003, p. 14). Quando as crianças estão gastando energia, estão em constante movimento, seu comportamento se assemelha as outras crianças, pois é um momento de agitação e descontração para todos.

Segundo Abuchaim (2005) a criança hiperativa é inteligente e criativa, mas não consegue realizar todo seu potencial em função desse transtorno, que não a deixa ficar parada em nenhuma situação.

Algumas crianças e adolescentes com TDAH conseguem ficar por bastante tempo quietas e atentas a um programa de televisão, jogando videogame ou navegando na internet. A explicação para isso é simples: a atenção e o controle motor são muito dependentes da motivação e de atividades individualizadas. (ROHDE; BENCZIK, 1999, p. 42).

Os sintomas mais recentes segundo Fabris (2003) podem ser percebidos em várias fases, desde o lactante. Exemplos: falta de fixação em brincadeiras, início de outra atividade sem terminar a anterior, tempo limitado para atividades diversas, falar muito e mudam de assunto com frequência, em geral são crianças com dificuldade de organização.

Segundo Benczik (2000) e Topczenwski (1999), os principais problemas causados são: desatenção, agitação, excesso de atividade, emotividade, impulsividade e baixo limiar de frustração (dificuldade para adiar recompensas), crianças que se mantêm em constante movimento, mexem em tudo, tem

dificuldades para envolver-se em brincadeiras, mudam de atividade com frequência, não permanecem assistindo TV ou outras atividades sentado, não focam a atenção no que estão fazendo, falam demasiadamente, não conseguem terminar as tarefas propostas, entre outras. Esses problemas resultam de um desenvolvimento não adequado e causam dificuldades na vida como um todo.

Contudo, é importante estar atento a esses sintomas levando em consideração o diagnóstico, que segundo Rohde e Benczik (1999), só deve ser realizado por um profissional de saúde mental.

O TDAH vem sendo definido de várias formas, visto que alguns estudos são mais recentes. Dessa forma são observados alguns critérios no pré diagnóstico do TDAH em uma criança. Segundo a tabela DSM-IV (apud BARROS, 2002):

A – Relacionar em 1 ou 2

1. Seis (ou mais) dos seguintes sintomas de desatenção persistiram, por pelo menos seis meses, em grau desadaptativo no curso do desenvolvimento:

Desatenção:

- a) Frequentemente demonstra dificuldade de prestar atenção a detalhes ou por descuidos comete erros em atividades escolares ou de trabalho;
- b) Geralmente tem dificuldade para manter a atenção em tarefas ou atividades lúdicas;
- c) Frequentemente parece não ouvir quando lhe dirigem a palavra;
- d) Tem frequente dificuldade em seguir as instruções e não termina suas tarefas escolares, domésticas ou profissionais (estas dificuldades não são devidas a comportamentos de oposição ou incapacidade de compreender instruções);
- e) Frequentemente apresenta dificuldades para organizar tarefas e atividades;
- f) Evita geralmente tarefas que exijam esforço mental constante;
- g) Perde com frequência materiais necessários ao trabalho escolar ou a outras atividades afins;
- h) Distrai-se facilmente por estímulos externos;
- i) Com frequência, demonstra-se esquecida nas atividades diárias.

2. Seis (ou mais) dos seguintes sintomas de Hiperatividade persistiram, por pelo menos seis meses, em grau desadaptativo, no curso do desenvolvimento:

Hiperatividade:

- a) Com frequência agita as mãos ou os pés ou se contorce no assento;
- b) Frequentemente levanta-se durante a aula, ou em outras situações que é necessário ficar sentada;
- c) Frequentemente corre e sobe nas coisas, em situações inapropriadas;

- d) Frequentemente tem dificuldade em brincar sossegadamente;
- e) Frequentemente movimenta-se em demasia, parecendo estar ligada a tomada elétrica;
- f) Frequentemente fala em excesso.

Impulsividade:

- g) Frequentemente precipita-se, respondendo antes de as perguntas terem sido completadas;
- h) Frequentemente apresenta dificuldade em esperar sua vez
- i) Frequentemente interrompe os outros.

B – Início dos sintomas, anterior a idade de sete anos.

C – Sintomas presentes em dois ou mais ambientes.

D – Significativa evidência de desadaptação social, acadêmica ou ocupacional.

E – Os sintomas não ocorrem exclusivamente durante o curso de um Transtorno Invasivo do Desenvolvimento, Esquizofrenia ou outro Transtorno Psicótico e não são melhor explicados por outro transtorno mental.

Observando o quadro percebe-se a frequência de casos em nosso cotidiano. São sintomas comuns em crianças em idade escolar, porém é importante lembrar que são características de crianças hiperativas e a linguagem simples permite uma fácil compreensão a pais, professores... O quadro nos apresenta, ainda, exemplos que quando observados em uma criança deve-se encaminhá-lo a especialistas. É necessário prestar atenção na idade, ambientes e diferenças nas etapas de desenvolvimento infantil.

Percebe-se o uso da palavra 'frequentemente' no quadro acima, levando-nos ao entendimento de incidências desses sintomas na vida da criança. E ainda, os sintomas precisam estar presentes em dois ou mais ambientes. Rohde e Benczik (1999), argumentam que os lugares mais comuns são em casa e na escola.

Segundo Topczenwski (1999), na escola isso pode ser observado com frequência, pois as crianças com TDAH são muito presentes, estão em todos os lugares, mas não ficam em nenhum, e ainda, tem dificuldade para acatar as regras acordadas com o professor e com a turma.

Quando pais, professores, amigos e colegas, percebem que isso realmente está acontecendo com uma criança é hora de buscar ajuda profissional.

Estudos neuropsicológicos mostraram que crianças com TDAH tem um desempenho prejudicado em tarefas que demandam funções cognitivas tais como atenção, percepção, planejamento e organização, além de falhas na inibição

comportamental. Dizem ainda que os alunos com este transtorno apresentam dificuldades para tomar iniciativa e planejar. “Ora o trabalho é satisfatório, ora deixa a desejar.” (ROHDE; MATTOS, 2003, p. 67).

Segundo Barros (2002, p. 31), “a maioria das crianças apresentam tanto sintomas de desatenção quanto de hiperatividade-impulsividade, porém há alguns casos de predominância de um ou de outro tipo”.

Para Rohde e Mattos (2003), essas dificuldades aumentam e intensificam em situações grupais, pois exigem atenção sustentada para grande quantidade de informações.

Dessa maneira, percebe-se a grande influência do Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade na vida familiar e social da criança. Porém, o que ainda preocupa é o desenvolvimento dessa criança na escola, dentro da sala de aula, junto com outras tantas crianças sendo atendidas por um só professor, que muitas vezes, não conhece o transtorno. Pensando assim, precisa-se estar atento a questões componentes do cotidiano escolar, bem como seus desafios, em especial com relação ao trabalho do professor e suas metodologias.

3 TDAH NO AMBIENTE ESCOLAR: A ATUAÇÃO PEDAGÓGICA DO PROFESSOR NA MEDIAÇÃO DO CONHECIMENTO

Percebe-se que nos dias de hoje, muitos problemas e desafios fazem parte da caminhada profissional de um educador. A remuneração baixa, falta de material pedagógico e recursos para as aulas, falta de incentivo da gestão, entre outros problemas. Sem dúvida, os desafios refletem diretamente em sala de aula, onde ao chegar, o professor se depara com tantos conflitos.

A inclusão escolar, por exemplo, exige do professor cuidado, dedicação e estudo dos casos. Alunos com TDAH não são diferentes dessa realidade. Diante disso, muitos professores não sabem o que fazer e por onde começar.

Para Rohde e Benczik (1999) e Rohde e Mattos (2003), é necessário o conhecimento sobre o assunto, somente assim, a ajuda a estes alunos será mais eficaz. Então, em primeiro lugar os professores precisam buscar informações sobre o assunto.

Nesse momento é importante também a conversa com outros educadores que vivenciaram a situação. A observação e análise de casos de alunos com TDAH traz presente realidades e idéias a serem utilizadas, ou não, se não houver sucesso.

Na sociedade escolar, mais especificamente no nosso sistema educacional, seja certo ou errado, valoriza-se muito a criança que na sala de aula, obedece, escuta, presta atenção, permanece sentada, planeja, organiza-se, enfim, correspondem aos objetivos traçados pela instituição e pelo professor. (MELLER, 2003).

As escolas e educadores estão habituados e condicionados a receber alunos “ditos normais”, aqueles comuns no dia a dia escolar: alunos sentados na hora da explicação, que adoram e colaboram nos trabalhos em grupo, preocupados com a aprovação, etc., justamente características que alunos com TDAH não demonstram com tanta facilidade. Com a chegada desse aluno, a escola, os gestores, o professor e os colegas se deparam com um grande desafio. Esse desafio para Goldstein e Goldstein (2002, p. 105) é encaixar “um prego redondo em um buraco quadrado”.

Embora como afirma Cypel (2003), professores e orientadores estejam preparados para receber estes alunos, a realidade é bem diferente, e vai além de

estar preparado, pois o trabalho pedagógico, o dia a dia do professor, tudo passa a ser uma constante busca pela atenção deste aluno.

Rohde e Mattos (2003) escrevem que é comum os pais imaginarem que existe uma escola especializada para alunos hiperativos. Porém essa idéia não é viável em tempos que busca-se a inclusão escolar, considerando que as crianças com TDAH precisam conviver com outras crianças da mesma idade e precisam aprender a lidar com regras e limites.

Para Rohde e Benczik (1999), os pais não devem ser chamados somente nos momentos de crise e importante que sejam parceiros da escola para ações conjuntas.

Ao tomar conhecimento das dificuldades que ocorrem numa família com membros portadores de TDAH, é provável que os professores comecessem a entender a atitude dos pais, da mesma forma que os pais podem sensibilizar-se com a situação dos professores se souberem das reais dificuldades que seus filhos se encontram na escola. (ROHDE; MATTOS, 2003, p. 205).

Após o diagnóstico, a mediação do professor precisa ser mais frequente perante a família, pois para os autores citados a cima, uma boa comunicação entre pais e escola será o sucesso para estratégias de manejo com o aluno.

Muitas vezes, o aluno com TDAH vai precisar de atenção especial, por dificuldades de se concentrar nas atividades. O professor tem vários alunos em sala, cada um com suas especificidades, então, permeia aqui o grande desafio, o aluno com TDAH pode agitar toda turma, considerando as características do transtorno.

Além disso, as escolas, especialmente as públicas, com frequência não dispõem de ambiente adequado para estes jovens. Em outras situações, a proposta de ensino da escola deixa pouco espaço para a implementação de qualquer estratégia nova e mais flexível. (ROHDE; BENCZIK, 1999, p. 84).

O ambiente escolar, sem dúvidas, é parcialmente responsável pelo comportamento do aluno com TDAH, visto que não se concentram nas atividades, pois se ligam a outros estímulos (exteriores a aula). A posição dos alunos, as paredes super carregadas, o espaço entre colegas, tudo isso influencia na concentração deste aluno.

Com relação a flexibilidade da proposta de ensino, esta tem que estar aberta a mudanças pelo fato de que o transtorno, também, é uma idéia nova,

precisando ser estudada e bem trabalhada em todas as escolas.

Benczik (2000) descreve algumas dificuldades observáveis no ambiente escolar, como: cooperar em atividades, dividir as coisas, seguir as regras das brincadeiras, enfim, relacionar-se. Para ele, o trabalho em grupo é outro problema a ser superado, pois o aluno com transtorno agita os outros colegas.

DuPaul e Stoner (2007, p. 04) relatam que “crianças com TDAH com frequência perturbam as atividades em sala de aula, e portanto, atrapalham a aprendizagem dos colegas.” Agem com impulsividade, falando excessivamente mesmo sem permissão, conversando com colegas em hora de atividades. Quando isso acontece, uma das atitudes mais comuns é ficarem zangados ao serem confrontados por colegas e professores, ou quando se deparam com uma atividade sem sucesso. Para Cypel (2003, p. 80) “essas crianças agitadas rompem com a harmonia da sala de aula”.

Para os autores acima citados, a importância do papel do professor cresce ainda mais diante de crianças com o transtorno. Há possibilidades de conhecer, compreender e desenvolver habilidades para o exercício da atenção da criança, oportunizando-lhe o mesmo grau de aproveitamento e de aprendizagem usufruído pelos demais alunos. Considerando que inúmeros são os alunos dentro de uma sala de aula, fato que complica ao professor conseguir desdobrar-se frente às necessidades e reivindicações particulares de cada um.

Como citam Rohde e Beczik (1999) o professor tem papel fundamental no processo de aprendizagem e saúde mental de seus alunos. Sendo assim, o conhecimento por parte dos professores em relação a hiperatividade, os procedimentos adequados e o próprio diagnóstico, são essenciais, se a escola pretende desenvolver um trabalho pedagógico adequado.

Muitos professores consideram alunos com TDAH como desobedientes, por não concluírem atividades ou não ficarem em seus lugares. Porém é normal que o aluno um dia faça toda atividade e no outro dia esteja focado em outra coisa, não concluindo o mesmo tipo de comando do dia anterior. Essas atitudes não são bem compreendidas pelos próprios professores, pressionando-os ainda mais. O que para Goldstein e Goldstein (2002) não colabora no processo de aprendizagem, resultando em frustração tanto para o aluno como para o professor.

Para os autores acima citados não há pesquisas que apontam todas ou a maioria das crianças com o transtorno que tem dificuldade de aprendizagem.

Pensando nisso, pode-se dizer que a hiperatividade não causa uma dificuldade de aprendizagem, ela é apenas um fator, bem como tantos outros.

Para ter boas notas em uma prova é necessário além do conhecimento sobre o conteúdo, ter concentração, saber ouvir, seguir recomendações e no mínimo ler e interpretar as questões. Para o autor atribui-se a isso o mau desempenho dessas crianças lembrando ainda que “ser desatento não equivale a ser incapaz de aprender”. (GOLDSTEIN E GOLDSTEIN, 2002, P. 107)

Os alunos com TDAH deixam a desejar nessas habilidades e capacidades de atenção, não só na hora da prova, mas durante toda aula. Para Barkley (2002 apud ROHDE; BENCZIK, 1999), os três principais sintomas de TDAH (a falta de atenção, a impulsividade e a hiperatividade) podem ser reduzidos ao problema da inibição do comportamento. Sendo assim, o problema das crianças com TDAH não é a falta de capacidade para realizar tarefas, e sim, a falta de autocontrole dos impulsos, força de vontade, organização e direcionamento do comportamento para o futuro, ocasionados na sua grande maioria, por fatores neurológicos geneticamente determinados.

Segundo Topczewski (1999) as dificuldades de aprendizagem estão interligadas com esse transtorno, mas não é uma condição obrigatória. A desatenção do aluno hiperativo prejudica seu desempenho escolar, porém os professores percebem grande mudança após o tratamento.

Ter boa atenção é essencial à criança, pois essa função desempenha papel fundamental nos processos de aprendizado de senso amplo, e mais estritamente no aprendizado escolar. A habilidade para atender seletivamente a estímulos relevantes e ignorar outros é parte integral do processo de aprendizado, e é necessário entender o desenvolvimento dessas habilidades para que se possa estabelecer um modelo adequado de aprendizado na criança. (CYPEL, 2003, p. 25).

Rohde e Mattos (2003, p. 201) destacam que “as crianças com TDAH em ensino regular correm risco de fracasso duas a três vezes maior do que crianças sem dificuldades escolares.”

Os colegas quando começam a perceber as incapacidades da criança hiperativa (ainda que não conheça o transtorno), iniciando a fase de exclusão e piadinhas a respeito. Cypel (2003) diz que o melhor a fazer é encontrar uma escola com classes pequenas e metodologias não tradicionais. O autor afirma que, o sucesso em sala de aula, frequentemente, exige uma série de intervenções e o

professor não está preparado para isso, mesmo porque em classes regulares, o número de alunos é muito grande, o que impede que realizem as observações e intervenções necessárias.

Uma das grandes discussões a cerca desse tema é a metodologia utilizada pelo professor em suas aulas, visto que precisa basicamente prender a atenção do aluno hiperativo, na tentativa de que ele, pelo menos, conclua a atividade proposta.

Nessa perspectiva, alguns autores apontam meios práticos para melhorar essa vivencia na escola, bem como auxiliar o processo de ensino-aprendizagem do próprio aluno com TDAH.

Cunha (1998, apud BARROS 2002, p. 51) “valoriza o papel do espaço, considerando-o a oportunidade da criança para o exercício da relação afetiva com o mundo, com as pessoas e com os objetos”. Esta questão foi mencionada anteriormente nessa pesquisa, lembrando a idéia de Cypel (2003) que o espaço físico e as condições técnicas da escola auxiliam no desenvolvimento do aluno, hiperativo ou não. Mas no caso, o aluno com TDAH necessita muito mais, do que mesas organizadas e paredes bem enfeitadas.

Para Rohde e Benczik (1999), alunos com TDAH têm dificuldades com organização e por isso a sala precisa ser bem definida. Sendo esta não uma sala rigidamente tradicional nem uma sala toda colorida, pois distrai ainda mais a atenção. Para criar um bom ambiente para alunos com TDAH, é necessário criar o meio-termo.

Procurar arrumar a sala de aula de uma maneira dinâmica, com bom acesso e boa visibilidade e evitar que as carteiras estejam dispostas sempre em fileiras, são algumas situações que precisam ser adequadas em turmas com alunos hiperativos.

Rohde e Benczik (1999, p. 86) citam: “Sempre que possível, transforme as tarefas em jogos. A motivação para a aprendizagem certamente acontecerá”. O jogo é uma prática citada por Barros (2002), que antes era considerado dispensável e insignificante para o aprendizado da criança, mas que agora ganha destaque em livros e seminários, o jogo esta sendo divulgado e mais utilizado como prática pedagógica.

Sem dúvidas, o inicio da escolarização, trata-se da fase mais complicada, é a fase de adequação no trabalho pedagógico. Por esse motivo Barkey (1992, apud

ROHDE; MATTOS, 2003) sugere que sejam estabelecidos objetivos para esses alunos, tendo em vista metas e expectativas com relação ao desenvolvimento hiperativo. Vale lembrar que os objetivos precisam ser realistas e terem metas dentro dos limites desses alunos, do professor e da própria escola.

Segundo Rief (2001 apud ROHDE; MATTOS, 2003, p. 206) “Percebe-se então o quanto o aluno com TDAH modifica a proposta de ensino do professor, considerando que para esses autores o professor precisa atender as necessidades educacionais individuais do hiperativo, não deixando por menos os outros alunos que tem características diferentes, isso obriga “a uma flexibilização constante para adaptar seu ensino ao estilo de aprendizagem do aluno [...]”.

Portanto, independente do número de alunos, do conteúdo a ser trabalhado ou o pouco tempo de aula, a metodologia utilizada precisa ser flexível e adequada às diferentes necessidades e realidades.

Para Rohde e Mattos (2003) o ponto de partida é o planejamento antecipado da aula. O planejamento antecipado das atividades que serão propostas é muito importante para o bom funcionamento da aula, nesse sentido o professor pode refletir sobre questões norteadoras pensando no que acontecerá durante a aula, preparando-se para superar os desafios que podem surgir. “Assim como existe muitas maneiras de aprender (visual, auditiva, sinestésica), existem muitas maneiras de ensinar.” (ROHDE; MATTOS 2003, p. 207).

Pode-se relatar também a ênfase necessária para os recursos materiais, levando em consideração a maneira com o aluno aprende. Para Rohde e Benczik (1999), vale perguntar para o próprio aluno como ele gosta de aprender, como se sente mais interessado.

Começando pelo espaço da sala de aula, para Cypel (2003), é difícil encontrar uma escola e um ambiente ideal para a criança desatenta ou hiperativa. Essa ambientação precisa ser criada, organizada para cada criança individualmente. Uma sala de aula eficiente para alunos com TDAH precisa ser estruturada, organizada e com regras claras.

Os autores Rohde e Benczik (1999), Cypel (2003), Goldstein e Goldstein (2002) e Rohde e Mattos (2003), afirmam dando ênfase a necessidade de afixar as regras de bom funcionamento da sala em lugar visível. Isso ajudará a organização, o bom andamento da aula, objetivando claramente o que perturba, e ainda auxiliando o aluno com TDAH a lembrar de seus limites, podendo ser repetido várias vezes.

Rohde e Benczik (1999) lembram que essas regras devem ser feitas com linguagem clara e curta, adequada para a pouca atenção desse aluno. É um trabalho que pode ser construído coletivamente.

Para Meller (2003), é necessário estabelecer uma rotina diária, que seja previsível para os alunos, mas ao mesmo tempo desafiadora, chamando sua atenção, juntamente com um atendimento individual à criança hiperativa. Isso implica em observar seu caderno com frequência, oferecer auxílio, estar presente sempre que preciso percebendo as dificuldades, ou seja, é ser mediador do conhecimento.

Nessa perspectiva, Rohde e Benczik (1999) relatam a necessidade de encontrar-se pelo menos semanalmente com a criança hiperativa. Isso a deixará mais segura, mas ao mesmo tempo igualmente lembrada. Porém, diferenciá-lo muito das outras crianças não colabora, a faz sentir-se menor (ou maior) do que os outros, o que pode influenciar também é a percepção dos outros alunos, surgindo o sentimento de exclusão, diferença ou pena.

Para Cypel (2003), um passo importante é que o aluno hiperativo esteja sentado perto do professor, facilitando o estímulo do professor e a participação deste, bem como sua atenção fica um pouco mais centrada. Uma das grandes estratégias segundo o autor é estar atento aos dias que a criança está mais agitada, nesse momento a mediação precisa ser frequente, oportunizando saídas da sala, como ir ao banheiro ou levar alguma coisa para a secretaria e outros lugares.

Geralmente, professores de alunos com o transtorno, em virtude do comportamento inadequado dos mesmos, respondem aos problemas comportamentais com uma postura controladora e autoritária, mas o resultado dificilmente é positivo. Barkley, (2002, apud MELLER, 2003, p. 50) enfatiza:

Enquanto não estivermos seguros sobre o quão negativamente as relações professor-criança afetam a adaptação da criança com TDAH a longo prazo, as experiências mostram que elas certamente podem piorar suas já tão pobres conquistas sociais e acadêmicas, reduzindo sua motivação para aprender e praticar na escola e diminuindo sua auto-estima.

Por esse motivo, precisa-se de professores que procurem uma relação aluno-professor mediadora, tendo em vista que isso ajudará no processo escolar, começando pelo gosto de frequentar a escola.

Rohde e Mattos (2003) propõem que sejam distribuídas diferentes

atividades e estilos de trabalho para a turma. Utilizar livros e fontes diversificadas, para que o aluno tenha diferentes olhares e linguagens, não somente texto, não somente frase nem palavra.

Cypel (2003), Rohde e Benczik (1999) dizem que se a atividade for muito grande, é importante e interessante dividi-la, visto que grandes perguntas terão respostas incompletas devido a característica de impulsividade.

Dar preferência a estratégias e metodologias participativas, levar novidades para as aulas, intercalar atividades de alto e baixo interesse, são algumas dicas citadas por Rohde e Benczik (1999).

Faz-se necessário lembrar que esses alunos estarão em sala de aula juntos com outros tantos, com a mesma idade e talvez mesmos anseios, é provável que com níveis de conhecimento semelhantes. As estratégias e metodologias aqui citadas precisam ser introduzidas e desenvolvidas no decorrer das aulas com todos os alunos, visto seu auxílio no processo ensino aprendizagem.

4 METODOLOGIA, APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

A presente pesquisa mostra-se dentro de uma perspectiva qualitativa e dessa maneira será desenvolvida.

Na pesquisa qualitativa a preocupação do pesquisador não é com representatividade numérica do grupo pesquisado, mas com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, de uma instituição, de uma trajetória, etc. (GOLDENBERG, 2004, p. 14).

A pesquisa assume a abordagem qualitativa, considerando a aproximação que se estabelece com o objeto de pesquisa e a interpretação e descrição dos fenômenos que são observados em situações reais.

Conforme as autoras Lüdke e André (1986); Alves Mazzotti (2004); Triviños (1987), para os pesquisadores qualitativos a apreensão do significado, pela interpretação dos fenômenos observados é a preocupação essencial. “O que esse tipo de pesquisa visa é a descoberta de novos conceitos, novas relações, novas formas de entendimento da realidade”. (ANDRÉ, 2006, p. 37). Para a mesma autora, o estudo qualitativo é o que se desenvolve numa situação natural, é rico em dados descritivos, tem um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada.

Procurando saber quais os desafios encontrados pelos professores de alunos com TDAH nas series/anos iniciais do Ensino Fundamental, desenvolveu-se uma pesquisa de campo, investigando maneiras de superação destes desafios.

Para Pimenta (2005) fazer apenas uma atividade teórica não leva à transformação da realidade; a prática dessa atividade é que se objetiva e se materializa e vice-versa.

Dessa maneira, quanto aos objetivos o tipo de pesquisa exploratório-descritivo foi efetivado. Esse tipo de pesquisa traz presente a experiência prática para o pesquisador, que vai apoiar-se no mundo social, vivenciando a realidade para melhor interpretá-la.

Quanto aos procedimentos foi realizado o levantamento bibliográfico com base em materiais existentes sobre o assunto, partindo, principalmente, de livros e artigos científicos.

Essa pesquisa foi realizada em uma escola da rede particular do município de Forquilha/SC. Foram envolvidos professores que atuam com alunos diagnosticados de TDAH das séries/alunos iniciais do ensino fundamental, os professores receberam um questionário e realizaram-se observações nas turmas selecionadas. O critério de escolha dos alunos se deu por análise do diagnóstico, feito pela professora e por especialista.

Os instrumentos de pesquisa: questionários com duas professoras, entrevista não formal e não estruturada com os professores e alunos com o objetivo de observar o comportamento dos mesmos e as metodologias executadas. Contudo, por questões éticas, não serão revelados suas identidades, sendo utilizados pseudônimos.

A escolha da escola foi feita pela própria acadêmica, sendo que é de fácil acesso para as pesquisas e flexível ao cronograma, pois é a instituição que a mesma atua como professora de educação infantil. Dessa maneira, toma-se o cuidado para que a interpretação e análise dos dados obtidos seja a luz do referencial teórico, sem interferência do conhecimento prévio da pesquisadora sobre o caso.

A primeira conversa deu-se com a diretora da escola mostrando-se interessada e disponível à pesquisa. Ela revela que por ser escola particular recebe mais alunos com diagnóstico de TDAH, segundo a diretora isso acontece porque as turmas são menores e os pais percebem que os professores podem dar mais atenção a cada um. Correspondendo ao que foi descrito por Cypel (2003), onde ele cita que escolas menores têm mais facilidade para lidar com esse tipo de transtorno, tendo mais disponibilidade às individualidades.

A diretora, mesmo estando disposta a participar, relatou a necessidade de conversar com as professoras envolvidas. Assim sendo, deu-se o primeiro contato com as professoras que prontamente concordaram em colaborar com a pesquisa. De início agradeceram e relatam a dificuldade de trabalhar com alunos hiperativos e a importância de pesquisas para auxiliá-las na atuação pedagógica.

Neste contato apresentou-se a justificativa e os objetivos da pesquisa e chegou-se aos acordos necessários. Identificaram-me três alunos com diagnóstico de TDAH.

A observação por sua vez, deu-se de maneira processual ao longo do desenvolvimento da pesquisa de junho a outubro. Os pontos de observação foram: o

espaço e metodologias utilizadas pela professora; as atitudes dos alunos com TDAH em relação as atividades propostas, bem como a reação da professora e as relações existentes em classe e questionamentos as professoras.

Os alunos A e B são do 2º ano, da professora P1 e o aluno C do 4º ano da professora P2. Nenhum deles possui histórico de reprovação.

A classe dos alunos A e B são compostas por 12 alunos, misto entre meninas e meninos, a aula acontece no período matutino no segundo piso do prédio do colégio.

A sala possui três janelas grandes, um quadro pequeno e um armário com materiais da professora. Os materiais dispostos na parede foram todos confeccionados pela professora, contendo os numerais com material dourado, alfabeto com quatro categorias de letra e desenho, calendário de todo ano, mês a mês, e o cantinho da leitura com poucas sugestões de livro.

As carteiras estão em forma de círculo, e segundo P1 ficam sempre dispostas dessa maneira devido ao número de alunos.

Do lado de fora da sala está exposto o “varal das produções”, onde frequentemente as crianças expõe seus trabalhos.

A classe do 4º ano também tem aula no período matutino, no segundo piso do prédio do colégio, e é composta por 9 alunos, sendo duas meninas e sete meninos. A sala possui duas janelas grandes, um quadro pequeno e pouco usado, segundo P1, e um armário com matérias da professora.

No canto da sala fica o espaço literário, com tapete e alguns livros de literatura, a maioria da autora Ruth Rocha. Os alunos podem fazer leituras nas horas vagas, entre uma atividade e outra, como por exemplo, aqueles que terminam primeiro.

Na parede estão expostas algumas produções dos próprios alunos, um cartaz com a tabuada e um mural com “palavras que fazem bem”. Nessa sala as carteiras mudam de lugar semanalmente, sempre objetivando a interação do grupo.

O ambiente dessas turmas retrata a realidade de muitas salas de aula, deixando a desejar por seu pouco espaço, mesmo sendo turmas pequenas. Barros (2002), Cypel (2003) e Rohde e Benczik (1999) baseiam-se na idéia de que a organização é de suma importância, desde que seja definida e estimulante. Pensando assim, algumas melhorias poderiam auxiliar a professora, como mais ilustrações, mais opções de escolha no cantinho da leitura e os cartazes com melhor

visibilidade.

As observações deram-se em vários momentos da manhã, podendo perceber diferentes atitudes do aluno com TDAH. As situações serão relatadas juntamente com a postura da professora.

A professora P1 encaminhou aos alunos a atividade de bingo das sílabas, todos se alegraram naquele momento, inclusive os alunos A e B. Os alunos da turma logo pegaram suas cartelas e concentraram-se no jogo, Durante o jogo o aluno A teve dificuldade para encontrar as sílabas lidas pela professora, os colegas que estavam perto tinham que ajudar, repetindo pausadamente. Em um momento da atividade o aluno B derrubou todo milho no chão, por isso passou o resto do jogo juntando o que havia caído, e fez isso lentamente.

Pode-se observar aqui a interação dos colegas com o aluno com TDAH. A professora, por sua vez, fez uma boa escolha para trabalhar as sílabas por meio do jogo. Segundo Barros (2002), a aula é o momento próprio para o jogo, seja de encaixe ou outra situação, pois os alunos estão mobilizados para o ensino e propõe ainda que para esses jogos devam-se utilizar materiais simples que promova a imaginação e fantasia do aluno.

Faz parte da rotina estabelecida pela professora, a atividade de leitura individual e leitura coletiva, sendo que essas acontecem quase todos os dias. Na hora da leitura individual os alunos da classe sentaram-se no cantinho da leitura, cada um com um livro. O aluno A logo fez o mesmo, porém o aluno B precisou de estímulos e incentivo da professora para encontrar um livro, descrevendo as qualidades do livro, e muitas vezes, resumindo a história para despertar a curiosidade, ele foliou todos os que estavam dispostos antes de escolher. Depois das escolhas feitas, o aluno A voltou-se à professora dizendo não saber ler aquele tipo de letra; o aluno B leu rapidamente e logo trocou de livro. A professora autorizou a troca e auxiliou o aluno A na sua leitura.

Após terem feito suas leituras, a professora disponibilizou um texto para leitura coletiva. Percebeu-se aqui a característica de desatenção dos alunos hiperativos em sala de aula. Quando os alunos iniciaram a leitura o aluno B logo se perdeu e foi auxiliado pela professora, porém quando se encontrou leu rapidamente não acompanhando os demais, o aluno A demonstra ler apenas com os olhos, sem pronunciar as palavras.

Uma das maiores queixas sobre as crianças com TDAH é a dificuldade de

prestar atenção, de se concentrar e conseguir direcionar o raciocínio. Para agravar o quadro, as crianças com TDAH costumam ser muito criativas, como cita Meller (2003), e como resultado dessa combinação de fatores, as crianças hiperativas têm uma incrível capacidade de pensar em várias coisas ao mesmo tempo e, conseqüentemente, se distrair. Parecem estar prestando atenção em outra coisa quando o professor fala com elas. Somado a isso está a dificuldade de acompanhar atividades monótonas (prestar atenção do início ao fim de um texto pouco empolgante é praticamente impossível). O aluno fica inquieto e trata logo de procurar alguma atividade para se ocupar: conversar com o amigo ao lado, mexer na mochila ou ficar passando as folhas do livro. Para o professor fica a impressão de que o aluno é desinteressado e que não presta atenção.

As atividades de matemática são sempre recebidas com muita alegria pelos alunos, que gostam dessa disciplina em especial dos 'probleminhas' segundo P1. Nesta observação a professora dispôs no quadro algumas operações matemáticas para serem efetuadas, os alunos logo levantam o dedo pedindo para participar. Na vez do aluno A ir ao quadro, que a principio disse não querer, com a insistência/incentivo da professora ele foi e resolveu corretamente, assim como o aluno B que não demonstrou dificuldades, os dois alunos participaram da aula com muita vontade. Observa-se aqui a importância do incentivo do professor.

Na hora do recreio todos saíram rapidamente da sala, essa é a hora em que as crianças aproveitam para se distrair, lanche e descansar. Alguns colegas estavam brincando de esconde-esconde, de pega-pega ou bate manteiga, nesse momento o aluno A ficou sentado fazendo lanche e observando as brincadeiras, ele ficou lá até o sinal bater. Enquanto o aluno B brincava junto com os amigos e, em alguns momentos, perturbava a sequência da brincadeira, principalmente, no pega-pega. Durante esse tempo P1 estava na sala dos professores.

Nas sextas feiras, após o sinal do recreio, a professora possibilita que os alunos façam brincadeiras livres. As meninas criaram brincadeiras de casinha, princesas e salão de beleza, algumas deixando bem claro que não queria o aluno A junto. P1 então conversou com elas dizendo que o aluno A se comportaria e não iria estragar a brincadeira, e sussurrando no ouvido de uma delas disse que ele estava medicado. O aluno B se divertiu jogando bola com os amigos.

Segundo Hallowel (1999 apud MELLER, 2003), as crianças com TDAH têm, também, qualidades positivas que frequentemente não são mencionadas, como

vivacidade, jogo de cintura, charme, criatividade, persistência no que é do seu interesse, e um talento intelectual escondido, que em geral não chega a usar, pois desistem por se sentirem perdidas.

Observando o aluno C, percebe-se que a relação com a professora P2 e com os colegas é mais tranquila e flexível, “isso porque a turma é menor e tem apenas um aluno hiperativo”, relata a professora P2.

Na atividade de produção de texto, todos os alunos do 4º ano fizeram silêncio, muitas vezes, questionando a professora com suas dúvidas. O aluno C fez silêncio e produziu devagar, chegando ao final, com poucas linhas escritas no caderno, mostrou para a professora que percebeu a falta de organização (espacial e de raciocínio) e o desleixo na letra.

Repetir a atividade seguidamente faz com que o aluno perca a atenção naquela proposta. É importante, entre uma leitura e outra, ser feita uma atividade, preferencialmente, lúdica quebrando assim, atividades muito longas e repetitivas. Pois conforme Cypel (2003, p. 41) “a desatenção expressa a capacidade limitada que uma criança possui em permanecer atenta por um tempo necessário diante de determinada tarefa para compreendê-la e/ou realizá-la. Dizemos que esses indivíduos possuem curta fixação da atenção.”

Com o término dos textos, P2 fez os encaminhamentos para a aula de educação física e solicita que os alunos levem seus lanches, pois na sequência irão para o recreio. Observou-se que o aluno C saiu correndo comemorando pela aula de educação física, esquecendo o lanche, então a professora pediu que os colegas levassem.

Por causa da desatenção é comum a criança com TDAH não se concentrar na aula e não acompanhar a explicação dos professores, não é questão de desobediência, mas de distração. Muitas vezes, seu pensamento está mais avançado, por exemplo, pensando na aula de educação física muito antes do encaminhamento da professora.

Em outra aula a professora iniciou problematizando algumas questões matemáticas para que os alunos respondessem oralmente, e assim eles fizeram, se concentrando e tentando resolver, o aluno C então chutava as respostas na tentativa do acerto. P2 repreendeu-o e tirou-o da brincadeira, pois estava atrapalhando os colegas.

Uma das principais dificuldades dos alunos com TDAH são os problemas

de comportamento no ambiente escolar, a professora precisa entender e saber que a punição não é o melhor caminho, pois faz o aluno se sentir excluído e incapaz de participar da atividade.

Em outra situação, os alunos precisaram sair da sala para o ensaio de uma apresentação cultural, a professora logo avisou que queria todos comportados e que o recado era especialmente para os mais “sapecas”, os alunos reconheceram dizendo que era para o aluno C ouvir bem. Na hora da atividade cada aluno fez seu personagem que havia sido definido previamente, o aluno C mostrou estar gostando, apenas teve dificuldades de lembrar suas falas.

Chega um momento em que os colegas começam a perceber as limitações do aluno hiperativo, muitos colaboram e auxiliam no processo de desatenção, outros, porém riem e zoam da situação, isso deixa o aluno com TDAH um pouco apreensivo, sem saber com reagir pode chegar a agressividade.

Na semana do dia das crianças fez-se lanche compartilhado, observou-se que o aluno C estava bastante agitado, com expectativas para aquele momento, ele mexeu em vários alimentos expostos, provou cada um deles e comeu os que gostou. A professora disse que era um momento livre e que não iria intervir.

Como foi mencionado por Meller (2003), necessita-se de mais envolvimento e interação entre professor e aluno quando se trata de TDAH. Repreender, relaxar e se acomodar com as atitudes do aluno não irá colaborar com seu processo. Nesse caso, a professora poderia relembrar as regras e combinações sobre comportamentos socialmente adequados.

Paralelamente ao período de observação realizaram-se os questionários (apêndice) e entrevistas não formais com as professoras que serão relatadas com a análise desses dados obtidos.

A professora P1 é Especialista em Séries Iniciais e Educação Infantil e Neuropsicologia e trabalha no magistério há 15 anos nesta mesma escola com diferentes turmas.

A professora P2 é Especialista em Supervisão, Orientação e Gestão Escolar. Trabalha na área da educação há 19 anos, sendo diretora de creche, e professora em diversas escolas. Nesta instituição trabalha a 6 anos.

A formação dos professores é de grande importância para o trabalho pedagógico com alunos com TDAH, principalmente, seu conhecimento sobre o assunto. O tempo de serviço no magistério influencia, pois as professoras se tornam

mais experientes e seguras por vivenciarem tantos desafios ao longo do seu fazer pedagógico.

As professoras questionadas demonstram interesse em ampliar seus saberes, buscando novas informações sobre TDAH, que é um assunto que vem sendo muito revisto e discutido por profissionais da Educação e da Saúde.

Além da importância do estilo de interação que o professor estabelece com a criança e/ou adolescente, é essencial também que este tenha experiência, se recicle profissionalmente e que, também, adote uma filosofia (abordagem) sobre o processo educacional, ter informações de como o professor lida com as dificuldades de outras crianças, como encara o TDAH e se tem interesse em ajudá-las são questões que devem ser levantadas durante o processo de escolha do professor. (BENCZIK, 2000, p. 49).

Questionando a professora P1 sobre seu conhecimento em TDAH conceituou com um transtorno, localizado na parte frontal do cérebro. As crianças com TDAH, segundo ela, “vivem no mundo da lua, são inquietos, desatentos e distraídos”. Relatou que obteve esse conhecimento a partir da realidade em sala de aula. Mostrou-se interessada e comprometida com esses alunos, procurando pesquisar frequentemente e ler sobre o assunto, aprofundando seus saberes adquiridos na especialização em Neuropsicologia.

A professora P2 foi objetiva na resposta conceituando transtorno de déficit de atenção/Hiperatividade como um transtorno neurobiológico e que estudou sobre isso na graduação, especialização e formação continuada.

Com relação ao entendimento entre professor e aluno, P2 disse ser “muito tranquilo desde que a professora consiga envolver e motivar o aluno, pois isso faz com que ele confie no educador”. A professora P1 relata: “quando seus alunos hiperativos não estão medicados ‘toda paciência é pouco’, pois criam casos sem possibilidade de resolução”. Porém medicados a relação é normal, exemplifica dizendo que “quem não conhece aquele aluno não o identifica como hiperativo”.

Neste caso percebe-se claramente a necessidade do tratamento para que esses alunos possam se adequar aos limites da escola e da própria aula. Não é o caso do aluno C, que não é medicado frequentemente. Segundo Cypel (2003, p. 83) “ressalte-se, também, que quanto ao uso de remédios é importante a individualização de cada caso, para se definir precisamente quais são suas condições” e isso só poderá ser determinado por médico especialista.

A professora P1, dos alunos A e B cita que “quando medicados eles se

concentram, aprendem e colaboram positivamente com a aula, demonstrando assim, seu nível de inteligência”. Exemplificando o aluno C que expressa seus conhecimentos com facilidade. Porém, P1 e P2 expressão muita preocupação com relação ao transtorno, pois em momentos mais agitados os alunos perdem a atenção facilmente, e se não estão medicados tem dificuldades de captar informações e propostas.

Isso indica que o TDAH pode ocasionar dificuldades de aprendizagem causada diretamente por sua falta de atenção, pois para aprender o aluno precisa estar atento às propostas da professora e as características do transtorno o impedem de executar seus conhecimentos e saberes.

A relação com os colegas é uma parte muito difícil do processo, segundo P1, os colegas percebem quando eles estão mais agitados e logo os deixam de lado para evitar maiores conflitos, pois nesses momentos podem se mostrar mais agressivos. A professora P2 não tem problemas com agressividade, porém enfatiza a necessidade da comunicação entre família e escola, monitorando o desenvolvimento e orientando sobre o convívio social.

Segundo Benczik (2000) essas crianças mostram-se mais imaturas do que geralmente são. Isso complica seu convívio social, em especial com outras crianças que, muitas vezes, não compreendem suas limitações.

As principais características do TDAH, atenção, impulsividade e hiperatividade, afetam diretamente no desenvolvimento da aula da professora P1, pois os alunos A e B tiram a concentração de todo grupo com seus barulhos, conversas paralelas e “tic tacs” corporais (como ficar movimentando-se frequentemente, batendo com os dedos ou pés e movendo-se na carteira). Por esse motivo cita que “o grande desafio é ter paciência e compreensão de ambos os lados”.

O dia a dia na sala de aula torna-se para o hiperativo uma rotina cansativa e desinteressante. Isso faz com que sua atenção não fique focada na exposição do professor ou em uma atividade escrita, influenciando negativamente no desenvolvimento da aula, pois procura espaço para descarregar sua energia.

A professora P2 não tem interrupções em sua aula por causa do aluno C, a dificuldade se dá na própria aprendizagem do aluno, que tem muito potencial, mas não fixa sua atenção na atividade. Ela descreve “a rejeição e punição não adiantam, o melhor é trabalhar os valores”.

O aluno hiperativo evita atividades que envolvam a atenção, pois considera difícil persistir em uma mesma tarefa até o seu término, dá a impressão de estar com a mente em outro local. “Essas crianças evitam atividades que exigem esforço mental constante, pois são vivenciadas por elas como desagradáveis e acentuadamente aversivas. Em razão disso, essas crianças evitam, ao máximo, deterem-se em atividades que exijam dedicação, organização e concentração”. (BENCZIK, 2000, p. 27).

Quanto à metodologia, ambas as professoras utilizam as mesmas atividades para toda a turma, o que diferencia é que o aluno com TDAH precisa de mais elogios, elevar a autoestima, sentir-se competente no que está fazendo. A professora P2 lembra que ele precisa ser acompanhado na hora da atividade, necessita de mais auxílio que os outros.

Mesmo que a mesma metodologia/atividade seja utilizada para toda turma, valorizar o espaço da sala de aula, oportunizar materiais organizados, evitar carteiras sempre em fileiras, fazer atividades dinâmicas e em forma de jogos, estabelecer regras e objetivos para a turma durante o ano letivo evidenciando situações de comportamento, visar as necessidades individuais do aluno com TDAH enfatizando sua maneira de aprender, são atitudes sugeridas aos educadores pelos autores pesquisados.

As professoras pesquisadas ressaltam: tudo é feito vagarosamente e em cada atividade realizada trabalha-se os valores morais, éticos e sociais, o que contribui na relação afetiva dos alunos.

Além disso, os professores precisam sempre pesquisar sobre o assunto e buscar um trabalho diversificado, utilizando estratégias variadas de acordo com seu aluno, para que o mesmo consiga obter sucesso no âmbito escolar. Por meio das orientações e estratégias citadas o professor poderá melhorar o desenvolvimento tanto do aluno como da turma, uma vez que todos irão se beneficiar ao novo trabalho realizado em sala de aula.

5 CONCLUSÃO

A contribuição da presente pesquisa à educação é a de salientar a necessidade de superar o senso comum sobre TDAH, entender a criança hiperativa dentro do contexto escolar e a importância dos professores adotarem metodologias verdadeiramente significativas para esses alunos. Acredita-se que o primeiro passo é compreender e encarar este transtorno no ambiente escolar, visto que não adianta mais escondê-lo, tê-lo como anormal ou mitificá-lo.

Por meio da pesquisa é possível inferir que para acontecer uma transformação, tanto na forma de trabalhar, como na aceitação é preciso acreditar nas possibilidades, dentro de espaço escolar, para além da repetição, do comodismo e dos preconceitos, sendo isso uma consequência da implicação do educador.

Os dados pesquisados evidenciam, o TDAH é uma nomeação bastante usada na atualidade pelos professores, para referir-se aos comportamentos apresentados como diferenciados do padrão ideal normativo que incomodam a escola e os docentes.

Ainda é deficiente o conhecimento dos professores sobre o TDAH. Em muitos casos, eles têm uma percepção errada sobre a natureza, as causas, as manifestações dos sintomas e o trabalho pedagógico adequado a esse transtorno. As professoras pesquisadas têm algum conhecimento sobre o tema, adquiriram em sua formação acadêmica e em seu interesse em pesquisar.

A confirmação do diagnóstico de TDAH do aluno, por especialista, é importante para o trabalho pedagógico, assim o professor poderá planejar e usar metodologias adequadas para contribuir com o processo de aprendizagem de todos e não o classificará como desinteressado, mal educado, sem limites... o tratamento poderá ajudá-lo na atenção e inibir um pouco sua impulsividade.

É necessário compreender que o trabalho pedagógico adequado proporcionará ao aluno: aprendizagem, convívio social, respeito às regras, etc. condições imprescindíveis ao ser humano. Psicólogo, médico e remédio sozinhos não resolvem o problema do aluno, eles são coadjuvantes no processo, não os “salvadores da Pátria”. Assim, o professor, ciente do transtorno, deve buscar estratégias para incentivar o aluno com TDAH e tornar a aula dinâmica para

preencher sua atenção e aprendizagem.

Observou-se também que, apesar da aproximação da educação ao discurso médico, existe a possibilidade de se construir uma resposta à problemática do TDAH, essa não se reduz, simplesmente, a nomear os alunos mais rebeldes como hiperativo e medicá-los para que não perturbem a aula.

A intervenção metodológica do professor no ambiente escolar também é essencial no processo de aprendizagem da criança com TDAH e para sua adequação ao regimento de uma sala de aula, por isso quanto mais recursos forem utilizados, mais facilmente o professor poderá identificar o estilo de aprendizagem do aluno hiperativo.

A relação professor-aluno foi referenciada pelos educadores questionados como a principal inferência na ação pedagógica, pois essa relação pode contribuir ou dificultar a aprendizagem do aluno.

A partir da pesquisa compreende-se que o TDAH influencia na vida da criança e de sua família, no convívio social, afetivo e aqui, mais especificamente, no contexto escolar. Os colegas, por exemplo, quando percebem as características no hiperativo, tendem a se afastar e muitas vezes evitando-os.

Considera-se que os professores juntamente com toda a equipe da escola precisam desenvolver um trabalho de mediadores, sendo fundamental o processo de observação do rendimento e avaliação dos alunos com TDAH, uma vez que por meio dessas ações estarão conhecendo a situação de aprendizagem bem como conhecerão as especificidades dos seus estudantes, buscando no coletivo o desenvolvimento pleno dos mesmos, fazendo sempre que necessário as adequações curriculares, trabalhando com uma proposta de ensino a partir do diferencial cognitivo e sócio-afetivo de cada um.

Essa pesquisa é apresentada não pensando em estabelecer ou ditar como deve ser trabalhado com esses alunos, mas com a finalidade de contribuir e aprimorar o trabalho pedagógico, evitando cada vez mais que o transtorno venha a influenciar negativamente o processo de ensino aprendizagem do aluno, bem como dos colegas de classe que estão expostos as suas atitudes.

REFERÊNCIAS

- ABDA – **Associação brasileira de déficit de atenção**. Disponível em: <http://www.tdah.org.br>. Acesso em: 16 de set. de 2010.
- ABUCHAIM, Cláudio. **Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade**, 2005.
- ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. 2. ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.
- ANDRÉ, M. Ensinar a pesquisar: como e para quê? In: VEIGA, Ilma P. A. (org). **Lições de didática**. Campinas, SP: Papyrus, 2006, p.123-234.
- BARROS, Juliana Monteiro Gramatico. **Jogo infantil e hiperatividade**. Rio de Janeiro: Sprint, 2002.
- BENCZIK, Edyleine Belline Peroni. **Transtorno de déficit de Atenção/ Hiperatividade**. São Paulo: Casa do psicólogo, 2000.
- CYPEL, Saul. **A criança com déficit de atenção/hiperatividade**. 2. ed. São Paulo: Lemos, 2003.
- DUPAUL, George J; STONER, Gary. **TDAH nas escolas: Estratégias de Avaliação e Intervenção**. São Paulo: M.Books do Brasil Editora Ltda, 2007.
- FABRIS, Glaci Apolinário. **Transtorno de déficit de atenção hiperatividade/impulsividade**. [S.L]: Do autor, 2003.
- GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. 8.ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- GOLDSTEIN, Sam; GOLDSTEIN, Michael. **Hiperatividade: como desenvolver a capacidade de atenção da criança**. 8.ed Campinas, SP: Papyrus, 2002.
- LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A.. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: Ed. Pedagógica e Universitária, 1986.
- MELLER, Anne Kay Lentz. **As implicações do transtorno do déficit de atenção/hiperatividade - TDAH na vida acadêmica, familiar e social da criança**. 55 f. Monografia (Especialização em Didática e Metodologia do Ensino Superior) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2003.
- PIMENTA, Selma Garrido, GHEDIN, Evandro (Orgs.). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- ROHDE, Luís Augusto P.; BENCZIK, Edyleine B. P. **Transtorno de déficit de**

atenção: hiperatividade, o que é? Como ajudar?. Porto Alegre: Artmed, 1999.

ROHDE, Luis Augusto P.; MATTOS, Paulo. **Princípios e práticas em TDAH.** Porto Alegre: Artmed, 2003.

TOPCZEWSKI, Abram. **Hiperatividade: como lidar?.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

TRIVINOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Ed. Atlas, 1987.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO AOS PROFESSORES



UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC
CURSO DE PEDAGOGIA
ACADÊMICA: MARIANA RONCHI

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

TEMA – O trabalho do professor das séries/anos iniciais diante das características do aluno com Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade – TDAH.

Educadores,

Este questionário é composto por 10 questões que embasarão o Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção de Licenciatura em pedagogia da UNESC. Sua participação é imprescindível para o sucesso desta pesquisa. O nome dos participantes da pesquisa não será exposto.

Questionário aos Professores

IDENTIFICAÇÃO:

A) Qual sua formação?

() normal (antigo magistério)

() superior incompleto. Qual? _____

() superior completo. Qual? _____

() pós-graduação. Qual? _____

B) Há quanto tempo você trabalha no magistério?

() de 1 a 5 anos

() de 6 a 10 anos

() de 11 a 20 anos

() mais de 21 anos

C) Há quanto tempo você trabalha nesta escola com as séries/anos iniciais?

() de 1 a 5 anos

() de 6 a 10 anos

() de 11 a 20 anos

() mais de 21 anos

RESPONDA:

1 Qual seu conhecimento sobre TDAH? Como obteve esse conhecimento?

2 Qual sua relação com os alunos com TDAH e eles com os professores da escola?

3 Esses alunos chegaram com diagnóstico () sim () não ou você fez parte do processo? Se fez parte do diagnóstico, como percebeu e agiu diante do caso?

4 Tendo em vista as principais características do TDAH – Atenção, Impulsividade e Hiperatividade – como você define o comportamento e a aprendizagem de seus alunos hiperativos?

5 Como é a relação dos alunos com TDAH e os colegas, professores e comunidade Escolar?

6 As características de desatenção, impulsividade e hiperatividade interferem no desenvolvimento de sua aula? De que forma?

7 Quais os principais desafios você encontra ao trabalhar com alunos com esse transtorno?

8 Para você o TDAH influencia no processo ensino aprendizagem do aluno?

9 Esses alunos necessitam de uma metodologia diferenciada? () sim () não por que?

10 Quais as metodologias utilizadas por você com alunos com o transtorno?

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO



UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC
CURSO DE PEDAGOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Sob o título _____ esta pesquisa culminará na elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso, a partir de entrevista com professores e gestores, coletando assim, dados e informações acerca da experiência destes sujeitos em relação a temática.

Os dados e resultados individuais da pesquisa estarão sempre sob sigilo ético, não sendo mencionados os nomes dos participantes em nenhuma expressão oral ou trabalho escrito que venha a ser publicado, a não ser que o/a autor/a do depoimento manifeste expressamente seu desejo de ser identificado/a. A participação nesta pesquisa não oferece risco ou prejuízo à pessoa entrevistada.

A pesquisadora responsável é a acadêmica _____, matriculada no curso de Pedagogia, da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, orientanda da (o) professor (a) _____, da mesma instituição. Os envolvidos se comprometem a esclarecer devida e adequadamente qualquer dúvida ou necessidade de informações que o/a participante venha a ter no momento da pesquisa ou posteriormente, por meio do telefone (48) 8821 1343.

Após ter sido devidamente informado/a de todos os aspectos da pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas, eu _____, Identidade n..... declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha participação e depoimentos para a pesquisa realizada no Curso de Pedagogia da Universidade do Extremo Sul Catarinense, desenvolvida pela aluna Rosane Joaquim Elias, para que sejam usados integralmente ou em partes, sem restrições de prazo e citações, a partir da presente data. Da mesma forma, autorizo a sua consulta e o uso das referências em outras pesquisas e publicações ficando vinculado o controle das informações a cargo desta acadêmica da Universidade do Extremo Sul Catarinense.

- () Solicito que seja resguardada minha identificação
 () Desejo que a autoria de meus depoimentos seja referida

Abdicando direitos autorais meus e de meus descendentes, subscrevo a presente declaração,

Criciúma, ___/___ de 2010.

Participante da pesquisa